

DE PEITO ABERTO

Você está me ouvindo? Responde!! Diga alguma coisa. Como estou? Vivo? Morto? Onde estou? Não enxergo nada, não ouço nada.

Será que tomei o comprimido errado? Não brinca.

Sabe, isso me faz lembrar da primeira (e penúltima) vez que puxei fumo. No terceiro tapinha, pergunto singelamente aos que estavam na roda: Eu estou falando ou estou pensando?

Fizeram um certo mistério, entreolharam-se com aquelas pupilas dilatadas e cúmplices, até responderem em coro: bateu legal, hein!

Bons tempos aqueles. O importante era ser contra . Eu, particularmente, era contra a virgindade, a guerra do Vietnã, o capitalismo, o J.G. de Araújo Jorge e o Zé Mauro de Vasconcellos. Sempre que falo desses dois, vem logo a pergunta: quem são esses caras? Eles eram os escritores brasileiros mais famosos dos anos sessenta. Prova incontestada de que as piores merdas literárias são as que mais vendem, desde que eu me conheço por gente. Uma porcaria substitui a outra e as mais antigas vão caindo no esquecimento.

Minha postura contestadora sofreu um baque quando encarei a cannabis pela segunda vez. Depois de algumas tragadas, tive a absoluta certeza de que era

um pássaro, mistura de rouxinol, bem-te-vi e tie sangue, cujo destino era me alimentar com a seiva das rosas amarelas da cobertura do prédio em frente. Antes de alçar vôo, mãos fortes me seguraram e cuidaram de mim até terem certeza de que eu não me considerava mais um bicho de penas.

Preciso saber o que acontece comigo. Consigo ver perfeitamente o que aconteceu há quarenta anos atrás e não tenho a mínima idéia do que está rolando agora. Você ouviu o que acabei de contar?

Será que estou mesmo falando com alguém? Ou será um sonho? Um pesadelo? Que zoeira! Acho que tive uma alucinação e você apareceu para me socorrer. Em todo caso vou lhe contar o delírio:

Estava numa selva escura e tenebrosa. Senti-me perdido e arrepiado. O lugar não tinha nem ao menos uma picada para me orientar. Andei a esmo em busca de qualquer coisa: uma voz, um pouco de luz, uma referência qualquer. Depois de bater pernas horas e horas sem chegar a lugar algum, deito no que me pareceu ser uma clareira e apago.

Filetes de sol nas brechas das árvores me acordam. Mal esfrego os olhos, os arregalo, solto um grito de pavor e fico a espera do pior. Uma loba, um leão e

uma pantera estão bem na minha frente e mostram todos os seus dentes. E não se pode dizer que sorriem.

Pensei até em pedir apoio divino, mas por mais que me esforçasse, eu e Deus estávamos irreversivelmente separados desde a minha primeira experiência heterossexual, aos doze anos de idade. Mesmo sem apelar aos céus, eles vieram em meu socorro. Segundos antes de virar um lauto manjar, um enorme gavião me agarra pelos ombros e me leva para fora do alcance daquelas mandíbulas enormes.

Longe do perigo, pousamos. Sentia-me tão bem por me livrar das feras, que nem pensei na possibilidade de ser o almoço daquela ave portentosa. O ar desanuviou quando começamos a conversar. Virgílio era o nome do pássaro. Papo vai, papo vem, descubro que o gavião conhecia tudo daquele lugar, até as profundezas do inferno, que era logo ali.

Claro, claro que eu gostaria de conhecer o reino de Lúcifer. Só não queria demorar muito, pois achava que alguém por aqui poderia sentir minha falta e se preocupar com isso. Virgílio me havia antecipado que, no inferno, havia uma antecâmara e mais nove círculos, cada um correspondendo a um tipo de pena a ser cumprida. Conhecer todos estava fora de questão.

Resolvi escolher um onde pudesse encontrar alguém conhecido. Se não fosse a famosa frase “Lasciate ogni speranza, voi ch’entrate”* , escrita na entrada, eu juraria estar dentro de um banco. Dezenas de terminais de computador à disposição, saguão espaçoso, cores vivas, com predomínio do vermelho Santander. Digitei meu sobrenome em um deles e, imediatamente, apareceu o nome Francesco La Maiella, sétimo círculo, segundo vale. Gelei. Eu, Andrea La Maiella. depois de 42 anos iria reencontrar meu pai.

Logo depois do portal havia um rio com um ancoradouro para lanchas. A do timoneiro Caronte me esperava de motor ligado. Levou-me até onde eu queria sem dizer palavra. Ao atracar, o barqueiro estende o braço e me informa para seguir na direção indicada. Caminho lentamente para me acostumar com a luz do lugar. Ouço gemidos e lamentos que pareciam um coro de desesperados. Percebo onde estava: uma floresta de árvores secas, com a parte superior dos troncos esculpida com a imagem de humanos de diferentes idades. Galhos retorcidos como se quisessem “se arrancar” do solo para fugir dali. Aos gemidos e lamentos se juntaram ganidos que vi serem de dobermanns a morder troncos e raízes. A cada ataque, gritos mais altos e seiva escorrendo das árvores. Seiva? Era sangue de gente.

* “Deixai, ó vós que entraís, toda a esperança.”

Continuei andando até ouvir uma voz: - Filho! Olho para a esquerda e lá estava ele, com os mesmos contornos de quando o beijei no caixão, com a diferença de apresentar o rosto deformado pelo sofrimento. Fiquei ali petrificado, escolhendo palavras para poder dizer alguma coisa. Qualquer coisa. Quando consegui respirar um pouco melhor, disse: Por que você se matou, pai? Eu precisava tanto da sua ajuda.

Sabe filho, nós sempre nos comunicamos mal, não é mesmo? Uma das bases do tal conflito de gerações é não saber se colocar na posição do outro, principalmente quando há uma diferença de trinta anos entre os dois. Piégas, mas verdadeiro.

Vou tentar lhe explicar, continuou ele, com a ajuda de alguns colegas ilustres que são meus vizinhos. Esta vendo aquele ali? É o meu conterrâneo Primo Levi. Passamos parte da nossa juventude na segunda guerra. Eu no exército italiano e ele no campo de concentração. Claro que o sofrimento dele foi muito maior que o meu, mas as neuroses que ganhamos naquele tempo nos ajudaram a decidir pela morte.

Ele nunca conseguiu se livrar das lembranças de Auschwitz e eu passei a vida atormentado por visões da África, onde servi. O hospital de campanha na Abissínia foi a minha estréia na guerra. Com vinte anos era obrigado a ajudar a serrar pernas, costurar tripas, arrancar braços. Quando havia estoque de morfina

e outros anestésicos, tudo bem. Dureza era operar a seco. Cabia-me amarrar um pedaço de pano na boca do ferido, ir tirando o suor de sua testa e lhe dizer palavras de conforto. Muitos morriam na mesa, com os olhos esbugalhados.

Meu segundo trabalho foi participar de uma equipe responsável por desarmar bombas em campos minados. Conviver com a expectativa de que você pode virar picadinho a qualquer momento é uma sensação pouco agradável. Nessa empreitada tivemos sorte. Da nossa turma só três foram pelos ares. Deixei esse trabalho para me tratar da malária que peguei. Foram 50 dias de febre alta, delírios, vômitos, dores no fígado, rins, baço, convulsões. Durante todo esse tempo, só comia arroz branco, sem tempero, sem nada. Perdi quarenta quilos dos noventa que tinha.

Aquele outro lá, também à minha esquerda, é o Walter Benjamin. Sabe por que ele se matou? Porque não suportou a possibilidade de ser preso pelos nazistas e ter um destino igual ou pior do seu colega judeu, o Primo Levi.

Outro dia, o meu terceiro vizinho famoso, o Cesare Pavese, me citava partes do diário que escreveu antecipando o seu suicídio. Uma das frases que me serviram foi essa: “As pessoas se matam porque um amor, qualquer que seja, nos revela nossa nudez, miséria, inofensividade, nulidade.”

Pois é, meu filho, parti porque, em primeiro lugar, as imagens do passado me assustavam cada vez mais. Não suportava mais ser visitado quase todas as noites

por aleijados gritando de dor. Depois, como você sabe, os negócios andavam muito mal e, a qualquer momento, os agiotas iriam tomar tudo o que eu tinha. E isso eu não poderia suportar. Como o Walter, preferi ir embora antes de ser apanhado. E, por último, estava cansado, muito cansado, de imaginar tantas coisas que não são absolutamente nada.

Agi certo? Agi errado? Julgue você, meu filho.

Não enxergo nada, não ouço nada. De novo. Tenho a sensação de estar flutuando no espaço dentro de uma nave sem janelas e sem energia. Se você está me ouvindo, perdoe-me se eu não lhe for simpático como tentei ser da primeira vez que quis estabelecer contato. É que, depois dessa história de meu pai, fiquei arrebitado.

Pela minha cabeça repassam imagens da minha vida com ele. Relação autoritária, inquestionável. Não só podia não dizer o que eu pensava, como nunca soube o que lhe passava pela cabeça. Suas decisões, da primeira à última, foram sempre unilaterais. Tinha certeza que nos amávamos, mas não havia nenhum sinal de entrega.

Vejo-o de bruços, estendido no chão, cheio de saliva em torno da boca. Ele estava ali, na fábrica, aonde chegava todos os dias às seis da manhã, para deixar tudo pronto para quando suas funcionárias chegassem. Taciturno, distribuía o serviço

e ia tratar do seu. Rotina de dez anos, desde que conseguiu reunir suas economias e montar seu próprio negócio.

Aquele corpo imóvel, vestido com o terno de sempre, estava rodeado de dezenas de pessoas especulando sobre o que poderia ter acontecido com o morto. As dúvidas evaporaram quando o virei e se viu uma Beretta 6,35 e um pequeno furo na altura do seu coração. Devo ter repetido umas cinqüenta vezes: Por que? Por que? Até ficar contemplando o nada.

Ao lembrar, me pergunto: Quantas vezes não morri assim? Por que não fui buscar amparo, explicações, informações, terapeutas, irmãos, antes de tomar a decisão de desaparecer? Poucas ou muitas palavras poderiam me manter feliz junto a. Mas não. Decisões saídas exclusivamente da minha cabeça mais escuro, enviesadas, trancaram a possibilidade de me entregar a amores eternos, a paixões sem limites.

Nunca encontrei uma resposta decente a esse estilo de vida (?). A incomunicabilidade, quando mais preciso me expressar, se apossa de mim e me deixa a deriva. Reencontro-me com a firme convicção de ter aprendido com a experiência e volto a me suicidar da mesma forma: sem me entender, sem compreender os outros.

Nunca consegui resolver essa questão na vida pessoal. No mundo profissional, com todos prontos a assassina-lo na primeira hesitação, foi diferente. No

começo, quando ainda me guiava por uma ética cristã, apanhei muito. Aos poucos, fui percebendo que o seu prestígio aumenta proporcionalmente à sua capacidade de convencer, manipular, trair e massacrar as pessoas. Enquanto você fizer isso, será amado e temido pelos que o rodeiam, com todas as vantagens que isso traz.

A loba, o leão e a pantera reaparecem. Olham-me. Procuo por alguém, por alguma coisa, por qualquer coisa para me socorrer dos animais. Novamente, Virgílio estava por perto. Desta vez, era um ser humano de longos e brancos cabelos, vestido com uma túnica de algodão cru que lhe cobria os pés. Aproximase de mim e diz:

- Nada posso fazer neste nosso reencontro. As feras precisam se alimentar de seus iguais.
- Iguais? Respondí.
- Caro La Maiella, está vendo a loba? É o símbolo da avareza, do apêgo desmesurado aos bens materiais, ao dinheiro. Igualzinho a você. O leão? Representa a inveja. Cobiça tudo o que é do próximo. Igualzinho a você. A pantera é outra igualzinha a você. É conhecida pela soberba, arrogância, auto-suficiência.
- Pois é, caro La Maiella. Eu o ajudei por engano. A regra diz que é hora de provar de seu próprio veneno.

Dito isso, os animais avançam. Em instantes engolem as minhas pernas, os meus braços, o meu tronco. A cabeça foi rejeitada. Por estarem saciados, talvez.

O fato é que me senti bem leve. A brisa me fez flutuar, flutuar tal qual um silencioso planador. Quando abri os olhos, estava deslizando por sobre o Viaduto do Chá, coalhado de milhares de pessoas tal qual formiguinhas operárias. Passei pela XV de Novembro, cenário de todos os meus dias da semana, até encontrar o prédio símbolo de São Paulo, onde trabalho.

Onde trabalho? Agora estou enxergando. Minha sala. Ampla mesa de mogno, cadeira executiva de couro marrom, pequena mesa de reuniões com quatro cadeiras de couro de espaldar baixo. Gráficos, lousa cheia de anotações, datashow, tela, quadro com bandeirinhas de Volpi.

Recebo com ar circunspecto o auditor chefe, Rastafera, que me pedira reunião urgente. A cada frase sua, meu semblante fica mais lívido. O suor frio escorre por todo o corpo. Final da reunião: estou despedido com desonra. Telefonemas e cartas anônimas denunciaram relações promíscuas com meus fornecedores. Vasculharam minhas contas e de todos os meus próximos e encontraram somas vultosas depositadas por empresas vencedoras de concorrências que manipulei.

Ligo ao meu vice-presidente para pedir socorro. Afinal tudo que fiz foi em nome dele. Ele sempre ficou com a melhor parte. Nada. A resposta curta e seca veio da secretária. Sem conversa. Tudo acabado. Deveria sair sem alarde para evitar desgaste maior. Desgaste maior? Estou na rua, o mercado vai ficar sabendo das razões da minha saída, não vou conseguir emprego em lugar algum e ele ainda

fala em desgaste maior? Onde está o que dizia que ninguém toca na equipe dele?

Atordoado, com o insistente suor frio a escorrer, levanto, atravesso a minha e a sala da secretária sem dizer palavra, abro a porta do saguão, desço pelo elevador e chego à rua. Acendo um cigarro e nem dou a primeira tragada. Sinto formigamento no braço, dor insuportável no peito e caio em meio aos operadores da Bolsa de Valores que estavam na praça digerindo o almoço.

Estou consciente. A ambulância chega. O barulho ensurdecedor da sirene parece durar uma eternidade. Quando silencia, levam-me às pressas. Trocam minhas roupas e aguardo mais uma eternidade até chegar o que parecia ser um centro cirúrgico com aquela luz enorme no teto. Depois não lembro de mais nada.

Onde estou? Como estou? Vivo? Morto? Como você gostaria que eu estivesse?